

A LÍNGUA COMO INSTÂNCIA DISCURSIVA: O OUTRO NO DISCURSO DO EU – O EFEITO DE ETHOS

Conceição Aparecida KINDERMANN*

ABSTRACT: The subject to be constituted in and through language is also an image of himself grasped by his interlocutor. In this presentation, I bring Maingueneau (2005) e (2008), because of the ethos. The ethos is a discursive concept, apprehended in an actual use of language which is not exterior to speech, it follows from it, though, it is also related to the "imaginary formations." To the notion of ethos, I add, though, enunciative studies of Jacqueline Authier-Revuz (1990), to address the heterogeneity shown. Ethos heterogeneity shown are available on the thread of the discourse. These voices come to the speech contribute to the construction of images of the enunciating subject to their interlocutor, introducing a physicality to his speech, both for themselves how much of it intended to enunciate. Aiming to characterize the ethos and the heterogeneity shown, working with some clippings of students participating in the tool "forum" of the Reading and Writing discipline , in the distance mode.

KEYWORDS: ethos 1; enunciating subject 2; heterogeneity shown 3; Sense effect 4.

1. Introdução

Ao se constituir na e pela linguagem, o sujeito constitui, também, uma imagem de si apreensível pelo seu interlocutor. É possível falar dessa imagem projetada para fora de seu discurso pelo sujeito enunciador, levando-se em conta a enunciação. Neste artigo, para analisar como o sujeito constitui sua imagem no discurso – o *ethos* –, utilizo o gênero discursivo fórum, disponibilizado na ferramenta “fórum”, do Ambiente Virtual de Aprendizagem – EVA –, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Para tratar da constituição do sujeito-aluno participante do fórum proposto, quanto à sua imagem, apoio-me, principalmente, em Maingueneau (2008, 2005), e Jacqueline Authier-Revuz (1990), por tratarem da enunciação, do discurso como efeito de sentido.

2. Um percurso teórico

Para Benveniste (1989), um dos estudiosos da linguística enunciativa, a enunciação é o que resulta de o enunciador dispor da língua em uma situação real de uso. A enunciação se projeta no enunciado e é visível por meio das marcas linguísticas. É com a influência desse autor que se inicia toda uma mudança de foco nos estudos da linguagem: não mais o texto como produto, mas o próprio ato de produzir o discurso – a enunciação.

Ao iniciar os estudos da enunciação, deixa-se de lado “autor” e “leitor” externos ao texto para um autor e leitor criados pelo próprio discurso. Tanto sujeito-autor como sujeito-leitor emergem no discurso, são efeitos discursivos.

Na Retórica de Aristóteles, já se percebe essa preocupação com a enunciação, ao tratar ele da argumentação a partir do *logos*, do *pathos* e do *ethos*, foco dessa discussão. Assim, o *logos* diz respeito ao discurso em si mesmo, o *pathos* refere-se à instância da recepção e o *ethos*, ao caráter do orador (não o caráter real, mas o que deixa passar por meio de seu discurso), as paixões que desperta no auditório.

* Doutoranda; Universidade do Sul de Santa Catarina.

Desta forma, cabe ao *ethos* a responsabilidade de criar uma imagem do sujeito enunciador no coenunciador; é no conjunto das pistas enunciativas, dispostas na linearidade do texto/discurso, que o *ethos* se constrói, ganha uma “corporalidade” não à revelia do sujeito enunciador, uma vez que é ele que busca um ou outro efeito de sentido sobre o seu interlocutor.

É a partir de um determinado lugar que o sujeito fala, e o que ele fala faz sentido por estar nessa posição e não em outra; esse sujeito leva em consideração o seu interlocutor, coloca-se em seu lugar, conforme os efeitos de sentido que deseja produzir. Esse mecanismo está por trás do processo de argumentação, visando efeitos sobre o interlocutor. Um desses efeitos, pode-se dizer que é o *ethos*, a imagem que o interlocutor faz do locutor com base no que é enunciado pelo locutor. Nesta pesquisa, o lugar de enunciação do sujeito é a sala de aula virtual, disponibilizada pela UNISUL por meio do EVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) e na posição de sujeito-aluno.

Segundo Orlandi (1999), há uma relação de forças conforme a posição assumida pelo sujeito: o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Assim, também, com relação à imagem que projeta de si; além de constituir-se como sujeito, constitui uma imagem, também para o seu interlocutor.

Esses lugares sociais a partir dos quais os sujeitos falam já estão na memória da coletividade. Dessa forma, por exemplo, já se faz uma “imagem de padre”, “uma imagem de político”, “uma imagem de professor”, “de aluno”, etc. E, conforme essa imagem, as palavras desses sujeitos têm ou não autoridade; fazem ou não sentido, justamente por ocupar determinados lugares, posições sociais.

Como a sociedade é constituída por relações hierarquizadas, “são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno (ORLANDI, 1999, p. 40)”.

Por trás desses mecanismos de funcionamento do discurso estão as “formações imaginárias”. Não são os sujeitos físicos, seus lugares empíricos, que funcionam no discurso, mas suas imagens, que resultam de projeção. Daí a relação, também, com o *ethos*, uma vez que, ao se construir uma imagem do sujeito falante pelo discurso, essa imagem está relacionada também, em certa medida, com a posição que esse sujeito ocupa na sociedade. No discurso pedagógico, esta relação de força é visível no discurso tanto do aluno como do professor.

É com Maingueneau que a noção de *ethos* ultrapassa a argumentação. Duas razões levaram-no a recorrer à noção de *ethos*: “seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (2005, p.70). O *ethos* está relacionado ao que é mostrado, dizível. Está relacionado com a enunciação, mas não está explícito no enunciado. O *ethos* é uma noção discursiva, apreensível em uma situação real de uso da língua; não é exterior à fala, decorre dela, embora também se relacione com as “formações imaginárias”.

Essa imagem construída pelo interlocutor do locutor não se resume apenas ao material linguístico, ao ato em si de enunciação (fala ou escrita), mas a uma anterioridade a esse ato. Assim, o interlocutor, ao tomar conhecimento da autoria do texto, ou até mesmo do gênero a que pertence tal exemplar de linguagem, já cria uma expectativa, uma imagem desse locutor – o que Maingueneau (2005) chama de *ethos* pré-discursivo. Em seus estudos, o autor trata, principalmente, do *ethos* discursivo. Diferentemente dos estudos iniciais sobre o *ethos*, em que ele está em relação com a argumentação, Maingueneau traz essa noção para o quadro da análise de discurso. Não trata apenas da questão da eloquência, da argumentação, mas a vincula a qualquer discurso escrito e, ainda, acrescenta que, mesmo escrito, esse discurso possui um “tom” que indica quem o disse; “[...] o termo ‘tom’ apresenta a vantagem de valer

tanto para o escrito quanto para o oral: pode-se falar do ‘tom’ de um livro” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Para o autor, “a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (2005, p. 72). O leitor ou ouvinte constrói do “fiador”, chamado assim por Maingueneau, uma imagem/figura com base em indícios textuais; o fiador se vê investido de um caráter e de uma corporalidade, que pode variar conforme os textos.

Assim:

O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

É a partir das representações sociais, das imagens construídas socialmente, de estereótipos, que o sujeito leitor constrói a figura do enunciador no enunciado. O autor usa o termo ‘incorporação’ para designar a forma pela qual o coenunciador se relaciona com o *ethos* de um discurso. Essa incorporação atua em três registros indissociáveis:

- a) A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- b) O co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- c) Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2005, p. 73).

O *ethos* não está relacionado só a textos orais, mas também a textos escritos, dado que mesmo escritos, os textos possuem um “tom”, implicam uma vocalidade, construída no momento da leitura, da enunciação. Segundo o autor, “o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir fisicamente a um certo universo de sentido” (MAINGUENEAU, 2005, p.73).

Dá a responsabilidade do sujeito enunciador ao organizar o seu texto, uma vez que é esse texto que vai legitimar o seu discurso. Fala-se para um “outro”, um coenunciador, ligados a uma “cena de enunciação” inscrita em uma “configuração” sócio-histórica.

Desta forma, não está no enunciador, no sujeito, a origem do seu dizer, já que se leva em conta um quadro interativo, em que estão em jogo o social, o histórico e o ideológico, “diluídos”

- a) no papel assumido pelos interlocutores;
- b) nos lugares ocupados por esses interlocutores, e,
- c) também, o momento da enunciação, que, por sua vez, requer um suporte material e um modo de circulação para o enunciado.

Na retórica tradicional, o *ethos* é um meio de persuasão; na perspectiva de Maingueneau, uma perspectiva discursiva, é parte constitutiva da cena de enunciação.

Conforme a proposta desta análise, a cena da enunciação é a “sala virtual”; o EVA, embora virtual, continua sendo uma sala de aula com características próprias desse espaço, mas vinculadas ao discurso pedagógico.¹

Quanto a esta cena da enunciação, Maingueneau (2005) a amplia em três dimensões, quais sejam:

a) *cena englobante*, que corresponde ao tipo de discurso, como literário, religioso, jornalístico etc. O que se pode remeter a Bakhtin, quando relaciona os tipos de textos a esferas sociais de usos².

b) *cena genérica*, que está associada a um gênero discursivo, e

c) *cenografia*, que diz respeito ao próprio texto, a um “cenário” discursivo engendrado no próprio texto. Por exemplo, o discurso publicitário mobiliza cenografias variadas, já que para persuadir o coenunciador, buscam-se no imaginário coletivo “desejos” que possam ser supridos por determinados produtos.

Correlacionado a esta análise, a cena englobante é o discurso pedagógico, em que circulam determinados gêneros circunscritos a esta esfera. Quanto à cena genérica, tem-se o fórum, um gênero discursivo em que prevalece a dialogia explícita, a troca entre os participantes, além da dialogia implícita, característica de todo texto; e a cenografia: como se trata de um gênero vinculado à esfera pedagógica, um fórum, há uma troca de poderes engendrada no próprio ato de retomar o discurso do outro e contrapor ideias ou mesmo corroborar ideias, mas sempre com acréscimos em um jogo de mostrar um *ethos* participativo, detentor de conhecimento.

À noção de *ethos*, podem-se acrescentar, ainda, os estudos enunciativos de Jacqueline Authier-Revuz, ao tratar da heterogeneidade mostrada. Tanto o *ethos* como a heterogeneidade mostrada estão disponíveis no fio do discurso. O sujeito enunciador, ao dispor de outras vozes marcadas, objetiva que seu discurso tenha um determinado efeito de sentido e não outro. Essas outras vozes contribuem na construção de imagens por seu interlocutor, instauram uma corporalidade ao seu discurso, tanto de si quanto do que se propõe a enunciar.

Sob o ponto de vista linguístico da descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, pode-se observar que alteram a unicidade aparente da cadeia discursiva, aquela construída pelo sujeito no momento do acontecimento (produção do texto): o outro se inscreve conforme as modalidades: aspas, citação direta etc.

Authier-Revuz (1990) apresenta estas formas da heterogeneidade mostrada:

a) *autonímia simples* – determinado enunciado é “retirado” de um lugar e remetido a outro. Há uma ruptura sintática.

b) *conotação autonímica* – nesse caso, o fragmento designado como “outro” integra-se na cadeia discursiva, sem ruptura sintática.

Ainda, há as formas mais complexas de heterogeneidade, no caso da ironia, discurso indireto livre, da imitação, etc. Nesses casos, não há transparência, as fronteiras entre o que o locutor diz e a voz do outro se misturam.

Tanto a *autonímia simples* como a *conotação autonímica* propostas por Authier-Revuz (1990) remetem ao exterior do discurso. “Uma dupla designação é assim operada pelas

¹ Conforme classificação proposta por Orlandi (1999).

² O uso da língua, para Bakhtin (1992), está relacionado com as diversas atividades humanas. A língua se realiza em enunciados concretos e únicos. Esses enunciados, embora únicos, refletem as esferas de comunicação e caracterizam-se por três dimensões constitutivas: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Dessa forma, uma vez que os gêneros são entendidos por Bakhtin como tipos de enunciados marcados pelas esferas de utilização da língua, eles também são caracterizados por estas dimensões.

formas da heterogeneidade mostrada: a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete” (1990, p. 30).

3. A análise

Buscou-se neste trabalho analisar a participação de alunos de um curso a distância, da Universidade do Sul de Santa Catarina. A disciplina selecionada foi a de Leitura e Produção Textual de um curso de licenciatura, ministrada no segundo semestre de 2009. Esta universidade trabalha com o EVA – espaço virtual de aprendizagem – uma sala virtual, com algumas ferramentas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Há ferramentas como: mural, professor, midiateca, fórum, chat, avaliação, etc. Escolheu-se a ferramenta fórum na qual são propostos discussões sobre diversas temáticas.

Neste fórum tomado para análise, foi proposto: “Que tal desligar a TV?” depois da leitura de alguns textos que discorrem sobre a influência da televisão. A partir dessa discussão, foram selecionados alguns participantes, para compor o *corpus*. O escopo desta análise é evidenciar como o sujeito-aluno se mostra neste espaço, ou seja, como o *ethos* se constitui a partir de marcas deixadas no texto.

De um modo geral, o que se observou durante o fórum corrobora o que Orlandi (1999) afirma sobre as relações de força que existem em uma sociedade. Está muito presente a imagem de aluno, o aprendiz e a imagem do professor, o detentor do saber. Isso já faz parte do imaginário coletivo.

Pelo *ethos* pré-discursivo, já se espera que os participantes atuem como sujeito-aluno, uma vez que se trata de um ambiente acadêmico, de uma sala de aula virtual. A noção de *ethos* só pode ser apreendida em uma situação de comunicação precisa (neste caso, o fórum) integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada.

O discurso, para Maingueneau (2005, p. 75), está associado a uma cena de enunciação para poder ser enunciado; não se refere simplesmente a um cenário, mas a um espaço de discursividade e, por sua vez, “ele (o enunciado) deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação que o torna pertinente”. Assim, este Ambiente Virtual de Aprendizagem é a cena da enunciação, mais precisamente a ferramenta “fórum”, para que o fórum (gênero) seja realizado. A participação dos alunos no fórum legitima o próprio fórum, o que faz com que seja um gênero discursivo. Ao participar desse fórum, proposto em uma cena “escolar”, que é o ambiente de aprendizagem, o sujeito-aluno revela-se pelo seu modo de se expressar, bem como condicionado ao papel que deve assumir, ou seja, condicionado a um *ethos*-aluno.

Além da cenografia, segundo Maingueneau (2008, p. 77), que se liga à enunciação, “[...] a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”. O sujeito, ao se constituir, está em relação com o momento histórico e o lugar de onde ele fala. É assim que o que diz faz sentido, por ocupar determinado lugar social.

PARTICIPANTE 1

Título: os pontos positivos e negativo da TV

os pontos negativos da televisão porque alguns programas de hoje tem muita violência , principalmente em alguns desenhos infantil , novelas até jornal que mostrar a violência do dia a dia. alguns programas mostrar violência ao extremo , novelas com cenas de sexo , seriado esquecendo que tem crianças na sala assistindo , como alguns comercial que incentiva o consumo , alguns passa no intervalo de desenho animado , propaganda de brinquedos para criança já saber o tem no mercado . os ponto positivo que tem alguns programas educativos em algumas emissora que ainda tem algumas noções de valores , preservação do planeta como exemplo ; o desenho que minha filha de oito anos gosta de assistir o capitão planeta ele

defende o universo da poluição . este programa bem educativo existe outro , basta você saber como ligar sua TV.

Embora seja um fórum proposto em um ambiente acadêmico, o participante 1 escreve em estilo muito próximo do discurso da oralidade, distanciando-se do que seria esperado nesse ambiente, o uso do padrão da língua.

O fórum é um gênero discursivo com regras próprias de funcionamento, que promove a interação entre os participantes e possibilita a reflexão. Uma característica deste gênero é a dialogia implícita e explícita; também a linguagem utilizada visa atingir determinado propósito que é a interação entre os participantes, sem que a atenção entre os participantes se volte para o aparato linguístico do texto, uma vez que é proposta uma temática para a discussão. Vê-se, deste modo, que o participante 1 assimilou as regras de funcionamento deste gênero, mesmo intuitivamente, que é a interação, sem uma maior preocupação com o aspecto formal do texto escrito. Mostra-se para o fiador do discurso ao qual responde como alguém que está “falando”, e na leitura de seu texto, pode-se recuperar o tom da oralidade, com que faz que se apresente como um aluno espontâneo.

O participante faz a sua interpretação sobre a atividade proposta, e expõe de forma simples o seu ponto de vista sobre a influência da televisão; pelos indícios textuais utilizados, recupera-se essa “simplicidade” que emerge em seu discurso. A imagem que passa é a de um participante que responde às expectativas da atividade, isto é, está discutindo, expondo sua opinião sobre o tema.

Ao expor seu ponto de vista sobre a programação da televisão, o participante 1 constrói um *ethos* engajado com o social, principalmente com a formação da criança; assume um *ethos* mãe/pai. Ao argumentar tanto a favor como contra os programas de televisão, o sujeito-participante 1 traz para o seu discurso, pelo viés do interdiscurso, tudo o que foi construído social e historicamente em uma dada sociedade sobre o que a televisão pode nos proporcionar.

Conforme Orlandi (1999, p. 33),

[...] o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras.

Percebe-se que não há uma preocupação por parte do participante 1 com a imagem que possam fazer de si em relação ao deter ou não a estrutura da língua padrão, justamente por se tratar de um fórum; por isso utiliza uma linguagem próxima da oralidade, para dar um tom de proximidade entre os participantes, uma vez que esta atividade é a distância. A imagem que passa é a de um sujeito não alienado, participativo. Também, pelo *ethos* discursivo o coenunciador (sujeito-leitor) pode incorporar um enunciador que não está “falando” conforme a cena da enunciação, já que se trata de um ambiente acadêmico, lugar de uso da norma padrão. Mas, por outro lado, o sujeito-leitor pode incorporar a imagem de um enunciador preocupado com questões sociais e não se deter no aspecto formal do texto.

O enunciado vai liberar um *ethos* do sujeito-enunciador, e se esse sujeito não detiver um mínimo de conhecimento, por exemplo, da gramática normativa, de organização textual, argumentação, etc. pode fazer com que o coenunciador construa um *ethos* não de acordo com o que ele espera. O que vai acontecer, como pode ser visto mais adiante, quando o

participante 2 expuser seu ponto de vista, não sobre a temática para a discussão, mas sobre a estrutura formal do texto do participante 1, o que não deveria ser o foco da discussão.

Conforme Maingueneau (2008, p.73):

[...] por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de uma dada representação de si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre sua própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz.

Embora o participante 1 suscite a imagem de sujeito-aluno engajado com questões sociais, os argumentos apresentados por ele são argumentos que não o singularizam, no sentido de autoria, conforme Orlandi (1996); há apenas iteração, repetição empírica, exercício mnemônico que não historiciza; o sujeito-aluno não chega a alterar – o que Orlandi chama de “efeito papagaio”. Nesta repetição, pode-se dizer que o participante retoma, em certa medida, o discurso do outro; segundo Authier-Revuz (1990), pode-se falar em heterogeneidade constitutiva, em que o discurso do outro aparece diluído em seu discurso, estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente, não há marcador no fio do discurso.

PARTICIPANTE 2

Título: Querida PARTICIPANTE 1,

Sugiro que comece a ler sempre, para melhorar a concordância de suas frases. Não leve a mal, é que lendo, conseguimos escrever melhor. Na linguagem escrita devemos ter mais cuidado, uma vez que é muito diferente da linguagem falada. Na linguagem oral podemos dizer o que quisermos, sem a preocupação com acentos, vírgulas, pois a própria entonação da frase vai fazendo a pontuação, de forma oral. Nesta modalidade de linguagem as frases são inacabadas e interrompidas, pelas orações que ora têm conexão, ora não têm conexão entre si. Porém, na linguagem escrita, por conta da formalidade, o vocabulário é amplo e variado, as frases devem ser completas, as orações devem ser coordenadas ou subordinadas, e o uso de frases feitas ou clichês deve ser restringido. De acordo com a finalidade do texto que escrevemos, devemos utilizar uma linguagem culta ou uma linguagem coloquial. A linguagem culta é utilizada nas situações formais e a coloquial é a que utilizamos no nosso dia-a-dia, em situações informais, nas conversas com amigos, com a família e na produção de alguns textos ou mensagens eletrônicas. Escolhemos a modalidade que melhor nos convém, de acordo com o nível de formalidade exigido pelo contexto, e o que observamos é que, geralmente, a linguagem falada é mais informal que a linguagem escrita.

O participante 2, pelos recursos linguísticos utilizados, mostra um *ethos* de um sujeito-aluno que detém o conhecimento do funcionamento estrutural da língua. Na posição-aluno, ao se constituir dessa forma, participa como um “controle”, atua na posição sujeito-professor, não na sua posição sujeito-aluno. Não se mostra preocupado, nesta oportunidade, com o tema proposto no fórum, mas sim constrói um *ethos* que se encaixa na posição de sujeito-professor. O que vai desencadear uma outra discussão nesse fórum.

É a partir de um determinado lugar que o sujeito fala, no caso específico do participante 2, ele fala a partir de uma posição que não é a sua, a de aluno que tem como proposta participar de uma determinada temática, mas sim a de professor. Por isso, será contestado, uma vez que essa posição não é legítima para si. O que vem ratificar o que se tem de aluno e professor, no discurso pedagógico. Caso fosse uma intervenção do sujeito professor, o participante para quem é endereçado este comentário aceitaria, uma vez que é papel do professor, em nossa sociedade, atuar desta forma, já está no imaginário coletivo esta imagem para o professor.

Para Pêcheux (1997, p. 160),

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas

adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referências às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Por isso as palavras do participante 2, que assumiu a posição de professor, naquele momento, não farão sentido para o seu interlocutor, já que o lugar que ocupa não é o seu lugar institucionalizado.

Aqui, esse sujeito, ao sair, aparentemente, da posição aluno, leva em consideração o seu interlocutor como aluno e não como colega de classe. O enunciador utiliza, ainda, expressões-chave em outra cor (aqui sublinhadas), um recurso didático, para constituir um *ethos* de professor. Mas não basta assumir tal postura se esse lugar ocupado não lhe é legítimo, uma vez que o sentido se constrói a partir da posição assumida pelo sujeito. Fixa, ainda mais, aquela imagem de professor construída sócio-historicamente.

PARTICIPANTE 1

Título: Para professora uma reclamação

professora eu não gostei na aluna (**participante 2**) comentar o meu comentário do fórum querendo mim da aula sobre sua matéria, corrigindo na rede , eu acho só que pode fazê este comentário e você professora . não gostei , ela mim deixou com vergonha de participar das exposição e do fórum , porque eu acho que eu estou aqui para aprender não para ser criticada com minha escrita ou forma com coloquei minha ideia,comentário eu aceito , mais quando e para comentar sobre o assunto estudado não para mim dar aulas de português,. por favor mande um recado para esta aluna que não gostei.

Neste recorte, percebe-se a posição que cada um deve ter em uma sala de aula, neste caso, no EVA; assim o lugar de professor e o lugar do aluno. Cada palavra utilizada pelo sujeito-aluno implica, ao mesmo tempo, levar em consideração representações que os interlocutores fazem um do outro, e a estratégia usada faz emergir no discurso uma certa identidade. Pêcheux, ao tratar das formações imaginárias, retoma, em certa medida, essa noção de *ethos* ao afirmar que nos processos discursivos o que funciona “é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1993, p. 82).

O participante 1 poderia ter feito seu comentário diretamente para o participante 2, mas incorpora o *ethos* de aluno. Assim, pede a interferência do professor, porque a ele é dada essa função de chamar a atenção, de apontar os erros, de ser o “controle” da dispersão. Convém lembrar que essa imagem de professor foi constituída sócio-historicamente e continua na memória coletiva dos sujeitos. Observa-se, pela materialidade linguística de seu texto, uma imagem típica de aluno, um *ethos* obediente, educado, que não seria capaz de ir contra a “ordem instituída”.

PARTICIPANTE 3

Título: A droga da tv

A violência e o sensacionalismo exibidos pela tv são comparados ao uso de drogas, existe a necessidade da adequação das doses para a obtenção do efeito desejado. A grande questão encontra-se no processo de desintoxicação, que no caso das drogas, com persistência, é possível, e no caso da tv?

O *ethos* do enunciador, nesta participação, constrói-se sob um sujeito-aluno criativo, capaz de inferir; consegue trazer para o seu texto elementos que não são próximos, por exemplo, ao comparar a televisão com a droga. Como o *ethos* se mostra por meio de recursos utilizados para enunciar, para que tenha um certo efeito de sentido sobre seu interlocutor, vê-se, aqui, um *ethos* de aluno que cumpre seu papel, que interpreta a situação.

O sujeito é essencialmente histórico, pois sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo; também é um sujeito ideológico, sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social, situando seu discurso em relação aos discursos do outro. Daí decorrem as contribuições do exterior para o interior de seu discurso.

Rompe-se o EU subjetivo, na concepção clássica, “o interior diante da exterioridade do mundo”. Aqui a exterioridade está no interior do sujeito. “Constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1990, 29).

PARTICIPANTE 4

Título: Há que se ter força de vontade

Oi, (participante 3)! Para aqueles "viciados" em tv acredito ser necessária uma grande força de vontade para conseguir livrar-se do vício. McLuhan (1998) citado por BARBOSA(2000) esclarece que a imagem da tv, por ser de baixa intensidade ou definição, não fornece informação detalhada sobre os objetos e o telespectador, por ela envolvido de maneira marcante, tende a completar ou "concluir" a imagem transmitida, que exige que a cada instante "fechemos" os espaços da trama, por meio de uma participação convulsiva e sensorial que é profundamente cinética e tátil, envolvendo todos os nossos sentidos em profunda inter-relação. Segundo McLuhan, dessa forma, ao incentivar um profundo envolvimento da audiência, a tv mudou a nossa vida sensória e nossos processos mentais, criando um novo gosto por experiências em profundidade.

REFERÊNCIA

BARBOSA, A.C.L.S. Educação e novas tecnologias: aquisição de conhecimentos e constituição dos saberes em mudança disponível em http://www.unesp.br/posgraduação/desing/docs/Textos_Alcarria/Educacaonovastecnologias_GRAPHICA_2000.pdf

O participante 4, que comumente faz aparte em quase todas as participações, conforme visto na totalidade desse fórum, mostra-se um sujeito-aluno participativo. Para que seu texto tenha um certo caráter científico, maior credibilidade diante dos participantes, este é o *ethos* que emerge em suas participações; faz citações de autores, coloca as referências em seus comentários. Ele traz para o seu texto recortes de outras vozes; por estarem marcadas no fio do discurso, Authier-Revuz (1990) as categoriza como heterogeneidade mostrada, no caso, discurso relatado. Instaura, assim, um *ethos* discursivo capaz de prender o interlocutor, uma vez que seus argumentos são embasados em autores já institucionalizados.

Diferente do participante 1 que se utiliza da repetição, dos “rumores da língua”, conforme pode ser visto em Furlanetto (2008, p. 12)³: “[...] todo trabalho projetado por um querer-dizer envolve, discursivamente, vozes correspondentes a enunciados próximos e distantes, e, no fluxo da tecedura, convoca autores ou, simplesmente, o ‘rumor’ contínuo da língua”. O participante 4 traz outras vozes para o seu discurso enquanto o participante 1 trabalha com o rumor da língua.

Para que sua fala tenha autoridade, o participante recorre ao que Authier-Revuz (1990) chama de heterogeneidade marcada. A heterogeneidade marcada é apreensível, no fio do discurso, no participante 2; vê-se o “outro”, remete a um exterior que não está no interior do fio do discurso. Essa heterogeneidade é necessária para mostrar que o que se está falando não é do “eu”, mas provém de um outro.

³ No artigo “Gêneros e autoria: relação, possibilidades e perspectivas de ensino” (FURLANETTO, 2008, p.12), além de outros aspectos, Furlanetto trata dos gêneros discursivos na instituição escolar. Desenvolve a noção de patamares de autoria, que podem ser aplicados no espaço educacional, estabelecendo alguns marcos sobre a autoria.

[...] a zona de contato entre exterior (es) e interior que mostra as marcas de distância num discurso é profundamente reveladora desde discurso, de um lado pelos pontos escolhidos para colocar explicitamente fronteiras, limites, demarcações – quer dizer, de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir – de outro lado, pelo tipo de relação que aí se joga com o outro, relação explicitada pelas glosas ou interpretável pelo contexto [...] (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31).

O participante 4 constrói um *ethos* discursivo de um sujeito-aluno pesquisador, engajado com o seu processo de aprendizagem, capaz de caminhar sem a presença de um professor; mostra-se como um sujeito-aluno autônomo.

4. Finalizando

O sujeito se constitui na e pela linguagem. O enunciado, em sua materialidade, oferece pistas que mostram o sujeito, tanto para si como para seu interlocutor, faz emergir no interlocutor uma corporalidade, uma imagem, que pode ou não ser controlada por si. Isso pode variar conforme a posição assumida pelo sujeito. Conforme Maingueneau (2008), enunciador e coenunciador estão associados a um momento e a um lugar, o que chama de *cronografia* e *topografia*, para que haja o acontecimento discursivo.

Como este artigo trata da análise de um fórum proposto em um ambiente acadêmico, o *ethos* do sujeito que se mostra é o *ethos* de um sujeito-aluno. O lugar de onde surge seu discurso é a partir deste lugar, no caso uma sala de aula virtual (EVA), vinculado ao discurso pedagógico. O seu discurso faz sentido na medida em que fala dessa posição sujeito-aluno e não de outra.

Assim, o *ethos* mostrado pelos participantes corrobora o que se tem já de imagem de aluno, o “bom aluno”: pesquisador, comprometido, participativo, etc. Apenas um participante mostrou um *ethos* que não estaria de acordo com o lugar de onde fala: lugar de aluno.

Segundo Pêcheux, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes (1997, p. 161)”. É a partir de uma formação discursiva dada – no caso do fórum proposto, uma formação discursiva “pedagógica” – que o sentido se constitui. Por isso o discurso do participante 2, ao deslizar de sua posição-aluno para uma posição-professor, não foi aceito naquele espaço.

Nesse viés, proposto inicialmente por Pêcheux, a formação discursiva pode ser vista como um bloco homogêneo, com regularidades estabelecidas, mas se sabe que os sujeitos, em suas práticas discursivas, não se submetem inteiramente às determinações de uma formação discursiva, nas quais há atravessamentos; suas fronteiras são movediças. Desta forma, poderíamos falar em “mau sujeito” aquele que se afasta de uma determinada formação discursiva em que se inscreve ou em que, aparentemente, estaria inscrito. Na análise, apareceu um *ethos* de “mau-aluno” (participante 2), por falar a partir de um lugar que não é reconhecido como seu. Mas é possível dizer, nesse ponto, que podemos, nesta e em situações semelhantes, observar um movimento de mudança nesse espaço, com um deslizamento para uma identidade mais facetada.

O *ethos* não se circunscreve apenas ao sujeito enunciador, mas também ao seu coenunciador; essa imagem construída pelo coenunciador decorre de marcas deixadas pelo sujeito-enunciador, essa imagem não é exterior à “fala”. Há influência de um sobre o outro no jogo discurso. O *ethos* só é apreensível em um acontecimento, situado sócio-historicamente.

“Desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do *ethos* se encontra liberada: por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de

si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre sua própria fala [...]” (MAINGUENEAU, 2008, p. 73).

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p. 25-42, jul./dez. 1990 (Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi).
- BAKHTIN, M. (1953). *Estética da criação verbal*. Trad. de M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, E. *O aparelho formal da enunciação*. In: Problemas de linguística geral. V.2, Campinas. Ed. UNICAMP, 1989.
- FURLANETTO, Mmarta. *Gêneros e autoria: relação, possibilidades e perspectivas de ensino*. In: 8º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre - RS. Anais do 8º Encontro do CELSUL. Pelotas: EDUCAT, 2008. v. 1.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Cenas da enunciação*. (orgs. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *Interpretação; autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: T. HAK e F. GADET, *Por uma Análise Automática do Discurso, Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.